

ΛΟΤΕ



Giulia Mariê Fonseca

Texto, fotografia, edição,
projeto gráfico e diagramação

Maria Angélica Chiang

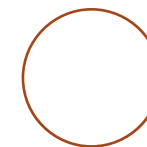
Encadernação

Profa. Dra. Rafaella Lopes Pereira Peres

Orientação

Fotolivro apresentado como requisito parcial
para aprovação na Componente Curricular Não
Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) do Curso de Bacharelado em Jornalismo da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)





s primeiros raios de sol chegam anunciados com algazarra. Após a escuridão que convida ao silêncio, ao sinal, a língua secreta dos pássaros ecoa em alvoroço pelas casas e, enquanto as mulheres bocejam, se faz dia. O nascer do sol tem, pra mim, carga de transformação. Quais formas tomarei hoje? Ganharei curvas? Ou me deixarão ficar assim mais plana? Será que é dia de receber flores? Quando o chão ainda está morno, as mulheres se reúnem no *ímboku*. Eu sou reclusa, e aqui, entre pilares de madeira com teto de palha, é onde me sinto segura para ganhar os volumes de suas invenções. Quem primeiro dá as caras é a precursora, e tu há de concordar que não teria como ser outra, nos conhecemos a tanto tempo que mapeei cada linha e cada calo de suas mãos. Em conjunto, de cá, lá e acolá da aldeia vão chegando outras e, em um ritual coletivo e diário, as quatro mulheres se dedicam à minha transformação. Sou toda dada aos rituais, meus hábitos foram cultivados e transmitidos por gerações de mulheres – talvez, por isso, adquiri certa resistência às mudanças. Veja bem, é preciso entender que sou feita do que está aqui há muito, minha base, como aquelas que me manuseiam, também vem de cá-lá-acolá dessas terras. Para tornar-me una, *ipunéti*, acomodo três, *móte*, *harará’iti móte* e *káta*. E olha, não diga que me faço confusa, pois eu bem sei que tu também guarda tuas bases em ti, oras, foi assim que tornou-te o que é. Como dedico meus segredos às mãos dessas mulheres, elas me concedem suas confidências e temores, mas te confesso que me deixo levar é pelas bobagens e gargalhadas. Aqui, também me chegam mil sons outros: de longe, ouço os cânticos proferidos por quem é de cristo – e muitos por aqui o são, entoados em português e em terena, essa mistura de línguas que anuncia quem somos; de perto, o zumbido das rodas que carimbam a terra e o canto dos pássaros, já mais calmos da festança matutina. Observo os focinhos à espera de afago, pêlos barrosos prostrados ao sol – o mais cachorro dos exercícios, as constantes visitas do joão-de-barro, tão artesão quanto as mulheres, e as crianças, explorando os limites do corpo pequeno em jogos e corre-corres. Eu não me defino pelo tempo, sou velha e criança, e passo meus dias na delicada brincadeira de reinventar-me, de pó originário a artefato novo. De tão focada em transformar-me, eu e o meu entorno fomos mudando sem que me sobressaltasse. Ontem, já transformada, fui pote, panela, moringa, travessa, toda cheia de utilidades

para o povo daqui. Ajudava a cozer o alimento, servir as refeições, manter a água fresca, fazia parte da rotina das famílias. Aí, chegou um momento, não sei te dizer ao certo quando, que o meu avermelhado brilhante deu passo para o transparente e o prateado frio na mesa e nas mãos. As mulheres perceberam que eu precisava de novos ares, mudaram as minhas formas. Hoje, ainda mantenho alguns formatos, mas também experimento ser vaso - do inho ao ão -, todo tipo de bicho aqui das redondezas, e saio da aldeia com frequência, participo da vida de outras gentes. Ontem, era designada como um ofício unicamente feminino, os homens não deviam se aproximar enquanto as mulheres trabalhavam no meu parto - questão de energia distinta. Hoje, continuo a nascer pelas mãos das mulheres, mas o masculino criou presença no *imboku*, e alguns dos homens até somam ajuda durante a minha preparação. Eu imponho limites, claro, em especial às mudanças, vou logo avisando. Tenho um tempo para assimilar cada processo e, se as mulheres ousam ir aos bancos de argila coletar meus componentes no período que sangram ou quando a lua ainda não se mostra, racho ao tentarem me dar forma. Isso quando não aguardo o final do processo, e na hora da queima, irrompo em p-e-da-ci-n-ho-s. Pois sim, me fazem arder para ganhar resistência, só assim posso deixar a segurança do *imboku*. Ontem, eu não costumava ir muito longe, passeava pelas redondezas acomodada sobre a cabeça das mulheres indígenas, com destino às casas das aldeias e cidades próximas. Hoje, viajo lonjuras - atravesso oceanos, sou item de decoração em residências, objeto de arte protegido por vidros, *souvenir* de ciclos turísticos, artesanato regional. Acho tudo muito interessante, por vezes estranho. Acontece até de me afastar demais do contexto de onde me tornei quem sou, para estar em espaços com olhares-outros, que me denominam exótica. Confesso que queria ser mais vista com os olhos daqui, mentes e cuidados de quem faço parte, e que fazem parte da minha identidade. Se me perguntasse - e por favor, mostre interesse - o amanhã me é cheio de inseguranças. Te explicaria que as minhas quatro companheiras são uma das poucas famílias de Cachoeirinha e de outras terras Terena que conseguem se dedicar diariamente à minha resistência. E não precisaria te falar que isso foi diferente ontem. Eram tantas outras. Agora, os pássaros voltaram e o anúncio é dos mais importantes: a luz do sol se despede, voltamos ao sossego da escuridão. Amanhã começamos de novo, eu espero.















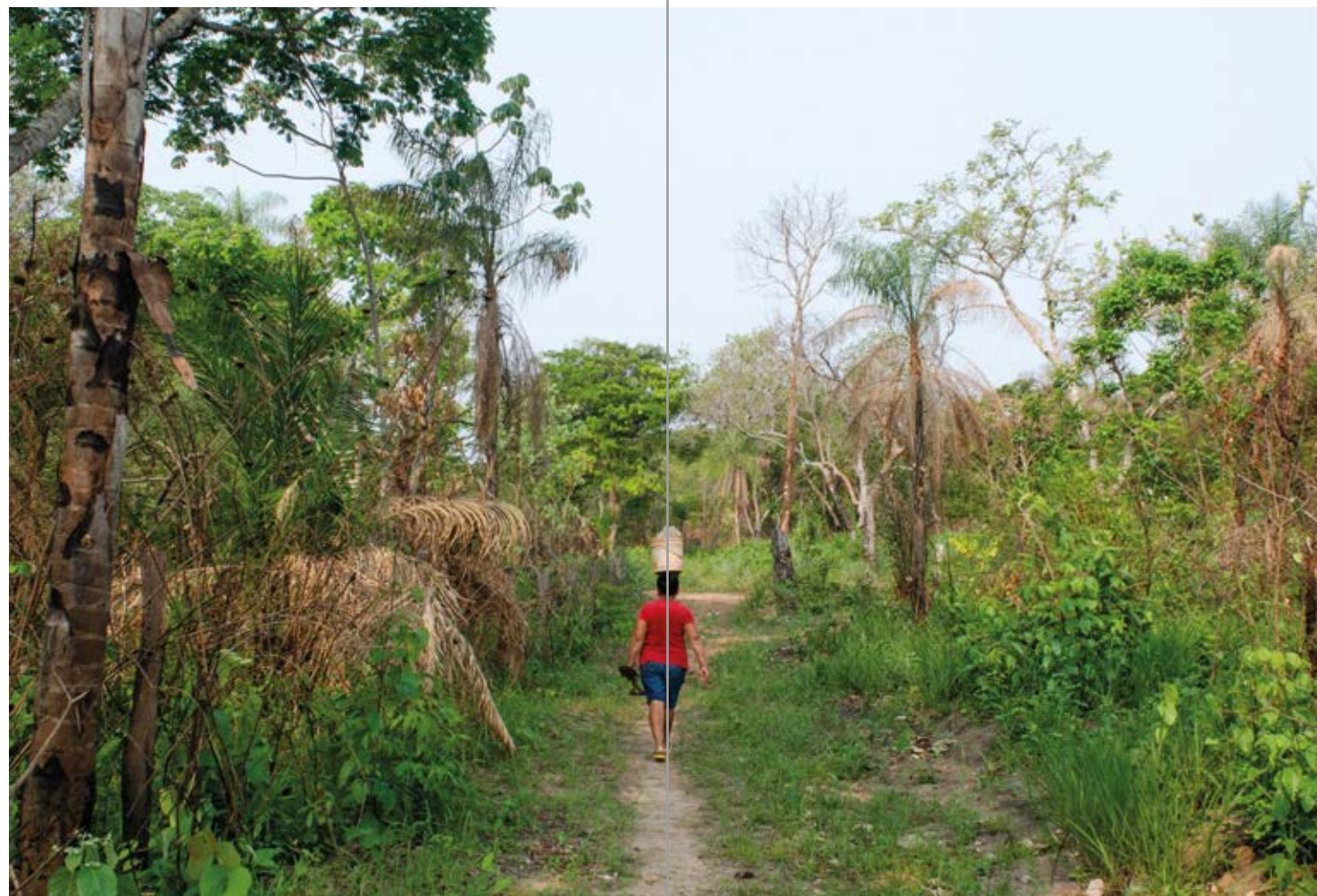












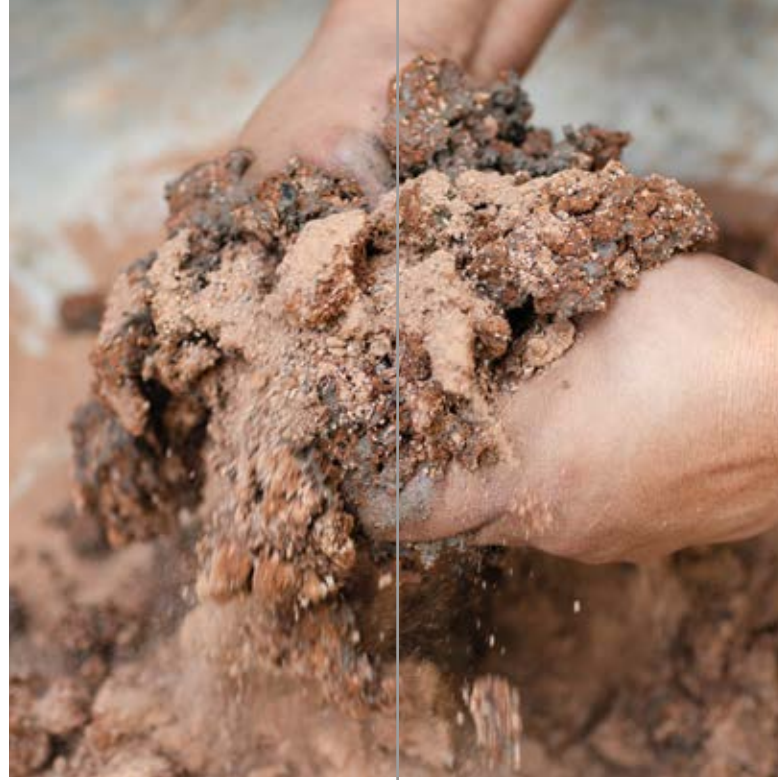


















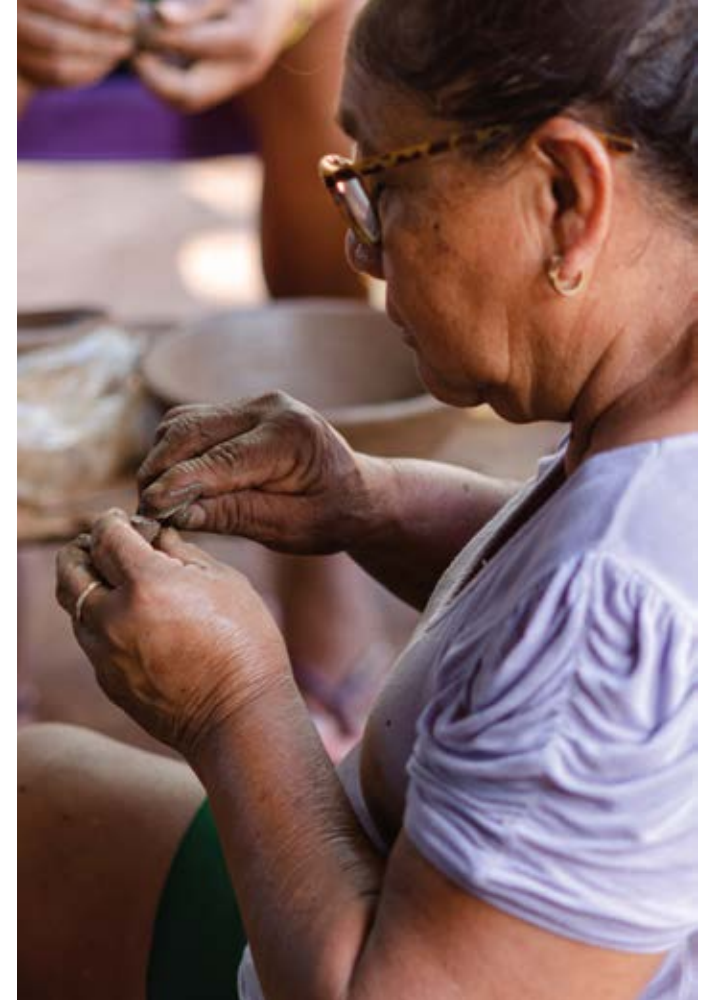




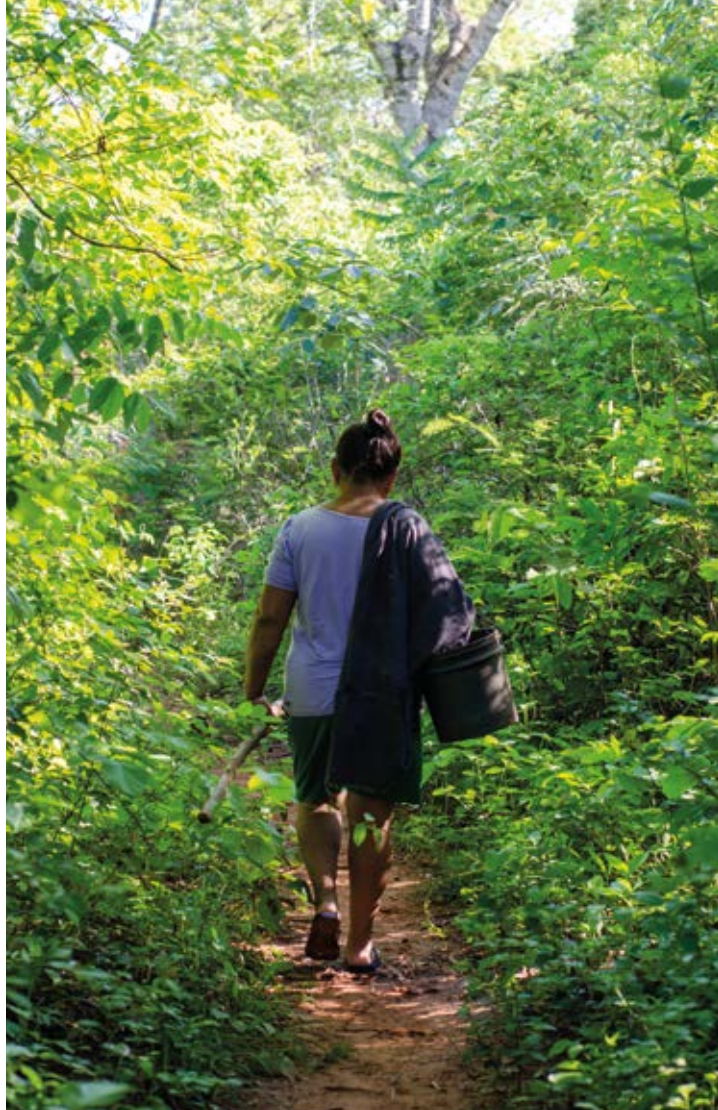






































ENQUANTO A CERÂMICA SECA :



Com as mãos lambuzadas pela argila vermelha, o *harará'iti móte*, elas largam as peças. Chegou a hora de deixar a cerâmica secar, limpar as palmas, soltar os nós dos pulsos cansados e aproveitar os assuntos que surgem com calma. Por seis dias, entre setembro e novembro de 2024, as quatro ceramistas da família Polidório me receberam entre os seus. A família vive na aldeia Cachoeirinha, uma das cinco comunidades da etnia Terena que compõem a Terra Indígena de mesmo nome, localizada no município de Miranda, em Mato Grosso do Sul. Elas exercem um ofício-tradição estreitamente conectado ao território em que habitam, exemplificando as delicadas formas que a resistência é capaz de adquirir. Durante a produção das peças, as sobancelhas franzidas tornam-se uma constante nas feições de **Dilma**, 63 anos, matriarca da família Polidório e centro gravitacional em torno do qual giram as atividades familiares - dentre elas, a de extrair as formas imaginadas do barro originário. Basta, no entanto, terminar de moldar ali, alisar aqui, conferir cor acolá, e pronto: a força visível da concentração ganha alívio num semblante que enfim relaxa. A artesã não se demora em excessos, os movimentos das mãos são precisos, os passos têm ritmo constante, a fala é baixa, pontuada. Para ela, a significância dos artefatos cerâmicos está no conciso que expressa tudo: sua

.....
me acompanhe na
elaboração da forma
de uma peça junto ao
número "3"

própria identidade. "Eu falava para as minhas filhas, 'vocês tem que aprender a fazer', porque isso aqui é a nossa identidade indígena. Não pode acabar com a nossa cultura, tem que continuar, porque lá pra frente não vai ter mais, ninguém tá interessado em fazer mais". Hoje, Dilma é uma das poucas mestres da *ipunéti* da aldeia - arte feminina e corpo material que guarda conhecimentos sobre a história, as crenças e os ritos do povo Terena. Além dela, resistem mais duas mestres ceramistas em Cachoeirinha - território polo da cerâmica da etnia -, Dina Mendes e Rosenir Batista, dedicadas a liderar produções de um fazer que, desde novembro de 2009, é reconhecido como Patrimônio Imaterial Histórico, Artístico e Cultural do Estado, oficializado por meio do Decreto Nº 12.847 do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Foi em companhia da avó e, posteriormente, da mãe, que uma Dilma ainda menina franziu o semblante pelas primeiras vezes, desafiada a criar possibilidades a partir do solo, na tentativa de transformá-lo em objeto brilhante ao toque da luz. "Nossa, mas quando eu comecei a fazer cerâmica, eu sofri. Eu chorava porque eu não sabia fazer. Aí foi indo, até que aprendi a fazer. Comecei fazendo moringa, fazia só moringa, aí a gente saía com minha mãe pra vender, porque antigamente não tinha geladeira", relata. Adulta e já familiarizada com os segredos do barro, tornou-se mãe sete vezes. E assim chegou o seu momento de repassar os conhecimentos às mulheres Terena que trouxe ao mundo. A atividade estreita os laços de Dilma com as três filhas - Selma, Ana Paula e Géssica -, que se reúnem sob a sombra do *ímboku* de sua casa para criar, formando uma ciranda tão maleável quanto a argila. Enquanto uma modela peças com o *móte*, outra prepara o vermelho do *harará'iti móte*, outra alisa os objetos com pedras arredondadas, enquanto outra diverte as demais com uma história - em língua terena, claro -. Todas riem, uma desenha com o *káta*, outra prepara o *móte*, uma mexe nas redes sociais, outra elabora a queima... e, quando percebem, o sol já se foi. A produção segue assim, na flexibilidade do coletivo em que todas contribuem como e quando podem, resultando em artefatos que nascem da sinergia entre as mãos e o tempo de cada ceramista. O ritmo também se molda. No tempo, no movimento e nas propriedades do corpo, nas características do ambiente e dos instrumentos. Geralmente, quem rege o compasso são as condições climáticas - mais ou menos favoráveis aos processos da argila, que prefere um ambiente pouco úmido, sem ventos fortes e com temperaturas amenas, tendendo ao quente. Um clima complexo à compreensão de quem não está inserido no contexto do trabalho com o barro desta terra específica. Nos períodos em que as chuvas intensas afetam o ciclo de secagem das peças e as ventanias

.....
me encontre polindo
uma peça junto
ao número “8”

ameaçam rachá-las, é necessário diminuir - por vezes, frear - o passo, e se dedicar a outros trabalhos, até que os ares voltem a permitir o fabrico. Em outros momentos, o ritmo é acelerado por alguma encomenda. As ceramistas contam que, no dia anterior à minha chegada, encaixotaram peças e mais peças que já pegaram estrada. “Essa cerâmica que eu fiz, a encomenda de duzentas pecinhas, nossa, não tem domingo não. É de domingo a domingo (risos). Demora, duzentas peças não é brincadeira. Não sei, mas eles [os clientes] falaram que era presente, uma lembrancinha”, conta Dilma. Entre os verbos-ação que fazem parte do universo da cerâmica - coletar, preparar, modelar, alisar, pintar, queimar -, o último deles tem Dilma como mestra única. **Géssica**, de 33 anos, a mais nova entre as quatro ceramistas da família, explica que, apesar de lidarem com o barro há anos, ela e suas irmãs ainda ocupam a posição de aprendizes, especialmente na delicada tarefa de decifrar o tempo que cada objeto precisa repousar ao fogo, para então, estar apto a ocupar outros espaços. “Eu admiro muito a minha mãe, ela é uma mulher guerreira. Com essa cerâmica, ela vende as peças para sustentar a família, e eu tô aqui aprendendo ainda. A única coisa que a gente não sabe fazer ainda é queimar, porque tem um ponto da queima. Isso que a gente não sabe fazer, mas a gente tá aprendendo ainda, eu e as minhas irmãs, junto com ela”. O trabalho coletivo e a base de conhecimentos tradicionais as unem. Porém, assim como a matriarca se distingue na realização da queima - uma de suas etapas favoritas do processo -, as outras ceramistas criaram uma relação própria com a tradição, que, no fazer manual, permite imprimir suas digitais àquilo que nasce de seus dedos. Entre as três filhas, Géssica é aquela que foi esculpida pela mãe com maior inspiração em seus próprios traços: um rosto largo, que adquire o mesmo semblante austero ao se concentrar, e uma voz igualmente pontuada ao falar em português. A ceramista costuma se misturar entre o trabalho no *ímboku* e a escola da aldeia, onde atua como auxiliar de cozinha. Por ora, está afastada dos fogões - e se permite trabalhar menos nas peças cerâmicas -, pois o ventre encontra-se ocupado o bastante na formação de um menino: o terceiro filho dela e de seu companheiro, Rogério Lemes, atual cacique da aldeia. Géssica tem gosto por alisar as peças, dedicar tempo à repetição de movimentos que, pouco a pouco, conferem brilho às superfícies antes opacas - supervisionando o trabalho feito com olhos clínicos, que não deixam escapar nenhuma aresta. Na variedade de artefatos que nascem da junção entre tradição e imaginação, ela explica que cada irmã desenvolveu uma especialidade no moldar. “Eu sempre faço os potinhos, mas eu não sou de fazer as mini, aquelas pequenininhas. Eu faço os poti-

nhos, eu faço cofrinho, faço vasilha, as cumбуquinhas e a outra minha irmã [Ana Paula] faz aqueles bem pequenininhos, e a outra [Selma] faz só as travessas”, conta. **Ana Paula**, de 35 anos, é descrita por todas como inventiva. Se arrisca a imaginar formas para a argila que extrapolam as funções utilitárias e, ao concretizar possibilidades, mostra que a tradição não é estanque - também se transforma. Quando chega, acompanhada pela energia de seu sorriso largo e pelo filho mais novo, Pedro Gael, de 5 anos - tido como o “mascote” da produção -, logo se põe a ajudar no que estiver à mão ou a esculpir suas miudezas, as peças preferidas dos turistas à procura de *souvenirs* que caibam em malas e mochilas, levando o artesanato em viagem para outras terras. Assim como a irmã mais nova, Ana Paula se mistura entre profissões, dedicando-se ainda à costura - outra de suas habilidades manuais -, que lhe rendeu recentemente uma oportunidade de emprego em Miranda, a cerca de 20 km da aldeia. Quando na cidade, a rotina junto da família, dirigida pelo tempo dos processos da cerâmica, por vezes a deixa saudosa. Mas a artesã enfatiza que não pretende parar com a cerâmica do seu povo, tamanha a importância dela em sua vida. “Quando eu tô de folga, eu venho para fazer. Em dia de sábado, domingo, eu venho aqui com ela [Dilma] fazer, nem que seja uma, duas peças, três peças, mas eu continuo fazendo. Todo dia a gente tá junto aqui, almoça, todo mundo”. A ciranda se completa com **Selma**, de 41 anos, a mais velha entre as três filhas. Mora perto da mãe e é a primeira a sentar-se ao lado dela pela manhã, passando o dia em vai-e-vens, pois também assume a função de cozinheira da família - e todos ali sabem que quem lida com alimento precisa ficar afastado da argila enquanto o prepara. É só quando o sol já se foi e o horário de sua novela se aproxima que o vai-e-volta se encerra, para retomar com a luz da próxima manhã. A artesã gosta de lidar com comida, cerâmica e gente, e se sacia com uma boa conversa e brincadeiras - entre elas, diz que, em Cachoeirinha, eu vou provar “comida de índio”, rindo ao me mostrar as panelas com o almoço do dia, cheias de arroz, feijão, carne e salada fresca. Seus interesses pessoais, tão expressivos em sua personalidade, também encontraram espaço de manifestação no seu criar. O deleite por preparar a comida de todos está ali: na preferência pelas curvas suaves e pelas linhas retas das fruteiras, travessas e demais utensílios feitos por ela com a intenção de embelezar a apresentação dos alimentos à mesa. As flores desenhadas com o *káta* são a pintura do povo Terena - um dos elementos que distinguem os artefatos cerâmicos da etnia -, e Selma criou uma forma própria de ornamentar suas peças, inspirada nos desenhos que fazia nas próprias unhas. É então que reparo: com as mãos sempre em contato com a terra, são as

.....
me veja misturando
a massa de argila
junto ao número “2”

.....
me observe desenhando
nas peças junto ao
número “11”

unhas dos pés que ganham enfeites com o mesmo esmero dedicado à cerâmica. “Ela faz uma pintura diferente da flor, a minha mãe. Agora eu já faço diferente também. Daí ela gostou mais da minha pintura, e agora eu sempre tô pintando as painéis. Eu mesma criei esses meus desenhos, porque eu, na época, fazia a unha, né? Eu desenhava só a flor na unha, aí gostei daquele e coloquei na minha cerâmica. Eu achava bonita aquela flor da pontinha para cima, aí eu falei, ‘eu vou colocar’. Experimentei colocar na cerâmica e achei bonito. Aí é só colocar alguns detalhes ali, aí pronto”. Além da ciranda de artesãs, quem muito frequenta o espaço do *imboku* é Júlia, filha de Selma, de 11 anos. A mãe explica que, por muita insistência, por conta do desinteresse que ela percebe entre as meninas e mulheres da aldeia, a filha está aprendendo a pintar suas primeiras peças. “Essas novas gerações, pela minha visão de ver, não têm interesse, porque minha mãe já chamou aqui para ter a aula, para ensinar, mas ninguém vem. Essas meninas que estão nascendo agora, acho que não têm interesse de fazer essas coisas, de fazer cerâmica, artesanato. Eu vejo por causa da minha filha, eu falo por causa dela, porque eu chamo ela. Ela faz uma pecinha pequenininha, aí depois, quando eu vou lá, tá lá com o celular”, relata. A etapa de transmissão dos saberes - sustentação do ciclo das tradições - vêm escapando às ceramistas, e a *internet* representa um dilema frente a isso. Em 2020, durante a pandemia do vírus da Covid-19, com as restrições de convívio social e a queda no fluxo de turistas, os Polidório decidiram transformar as redes sociais em um espaço virtual de divulgação do artesanato da família - que se tornaram, desde então, os principais espaços por onde chegam as encomendas. “Nossa, eu fico contente quando as pessoas começam a compartilhar, comentar, por causa das coisas nossas saindo por aí, por todo o Brasil. Eu fico muito feliz quando vejo as nossas peças sendo postadas, comentadas. Então, é muito importante pra mim, fazer parte, seguindo o exemplo da minha mãe”, conta Selma. Enquanto possibilita que o trabalho delas resista ao extrapolar os limites físicos, o ambiente virtual, para a família, também representa um afastamento dessa herança que exige conexão com o território - reflexos de uma nova geração cujos dedos tendem a preferir o toque das telas. Jean Carlos Polidório, 26 anos, estudante de Licenciatura Intercultural Indígena e filho caçula da mestre ceramista, acredita na educação indígena como ferramenta para frear o agravamento da desconexão com os elementos culturais da etnia. “É uma discussão que a gente tem que trazer dentro das escolas, sabe, de ensinar os alunos, não é só ensinar a falar a língua terena, alfabeto terena. Acho que não é só isso, eu acho que tem que envolver a cultura. A escola também tem que pensar

muito nisso, sabe, de levar esse conhecimento para os alunos. Então, de sair um pouco dessa rotina de mundo virtual e voltar para a sabedoria indígena”. O reconhecimento da cerâmica Terena como Patrimônio Imaterial permite que algumas iniciativas governamentais de promoção do conhecimento e da valorização desse fazer cheguem até as ceramistas - sobretudo como convites para a exposição em feiras e mostras de artesanato nacionais e internacionais pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. “Ai, é muito legal, muito legal conhecer outras pessoas lá, a gente faz exposição das nossas peças lá e, graças a Deus, a gente vende tudo”, comenta Ana Paula. O presente é um espaço ambíguo: cresce o interesse mercadológico vindo de fora, ao mesmo tempo em que diminui a conexão interna. Para Géssica, entre as incertezas sobre a continuidade da transmissão de saberes e a busca por maior exposição nos circuitos artísticos e do artesanato, permanece a esperança de que a arte perdure. “Tomara que a nossa próxima geração não deixe de fazer essas coisas. Eu não sei se as minhas irmãs vão continuar a fazer, se um dia a minha mãe partir. Não sei se a gente vai continuar mais. Tomara que a gente continue, né? Porque é uma cultura nossa, isso aqui não pode acabar”. A cerâmica seca. Precisa ser polida antes que a superfície rache. Empunham-se as pedras. De novo e de novo o corpo se movimenta junto da natureza. O trabalho-resistência segue.









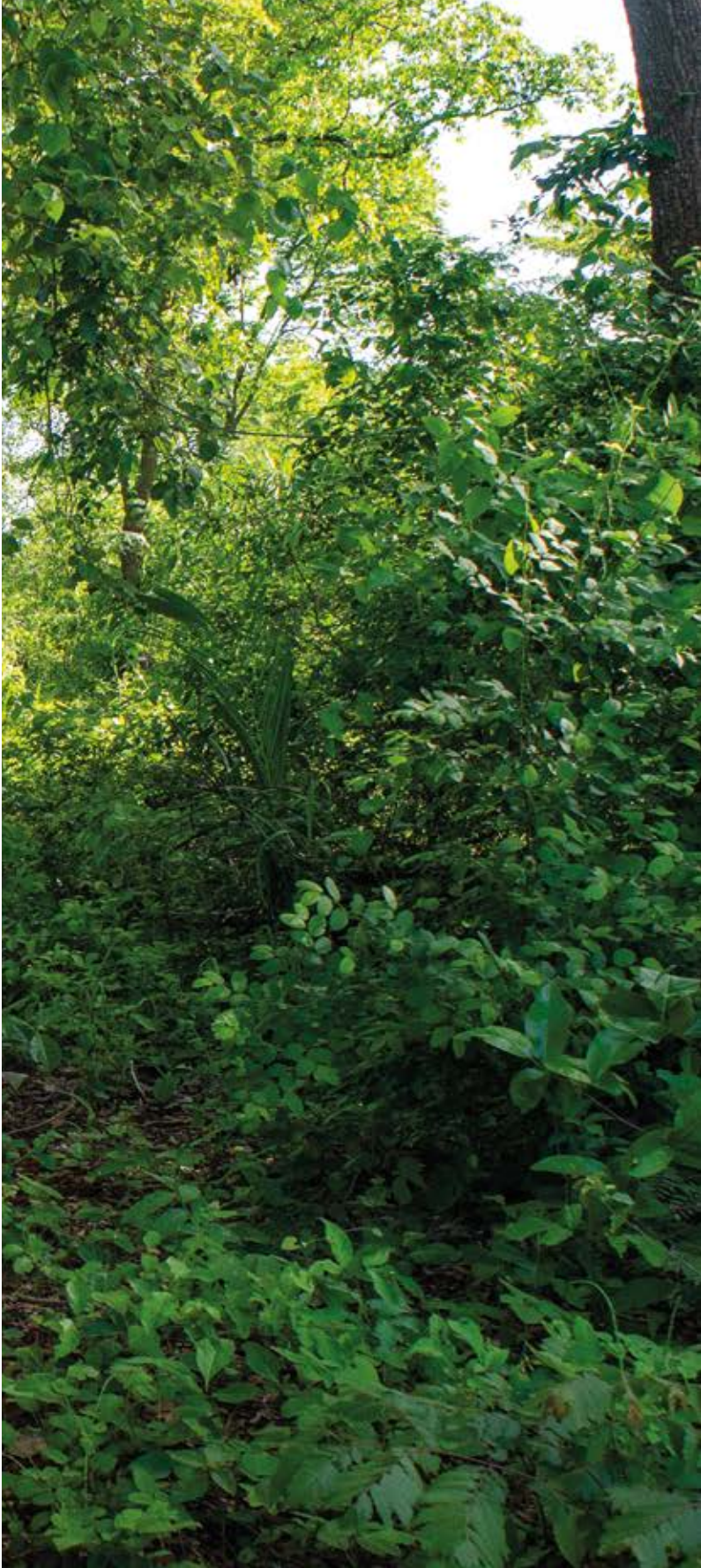


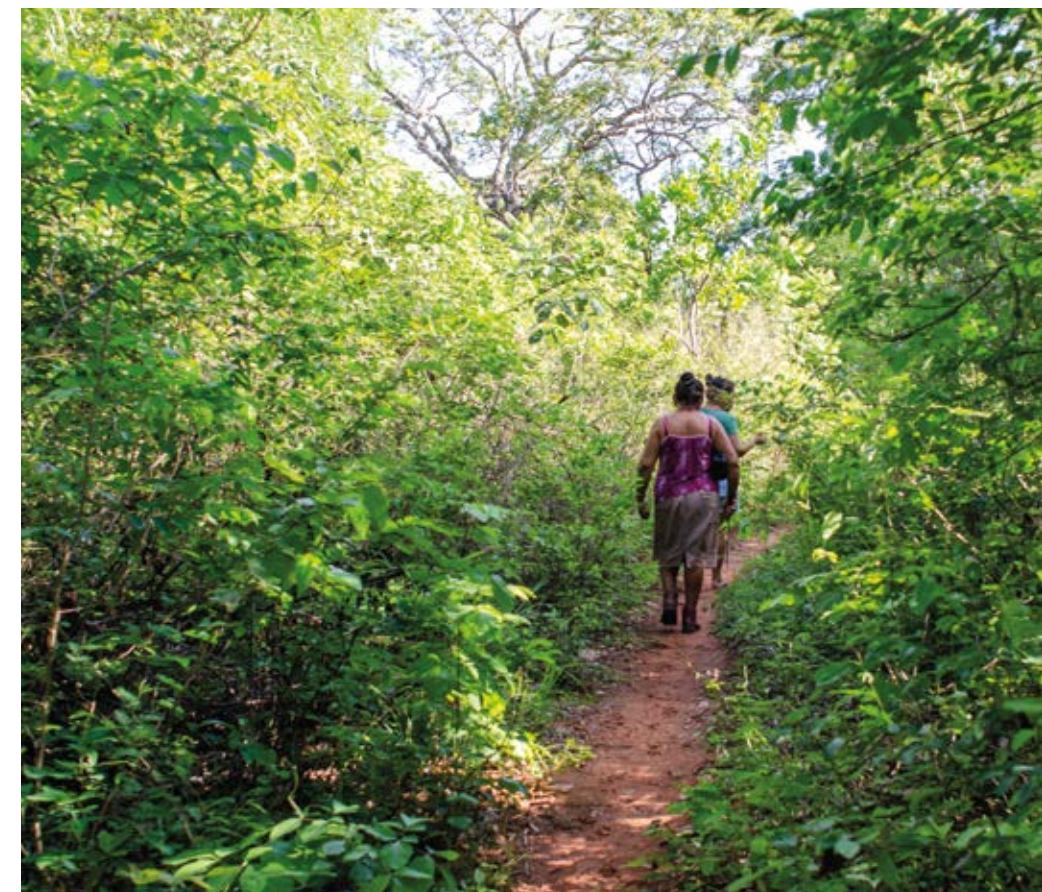
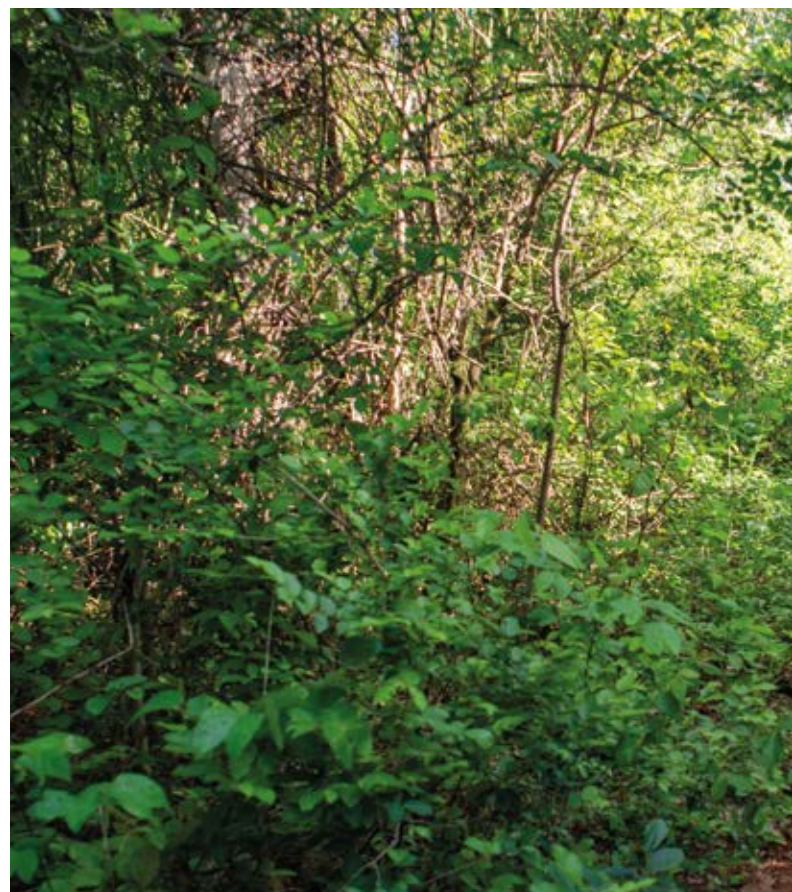




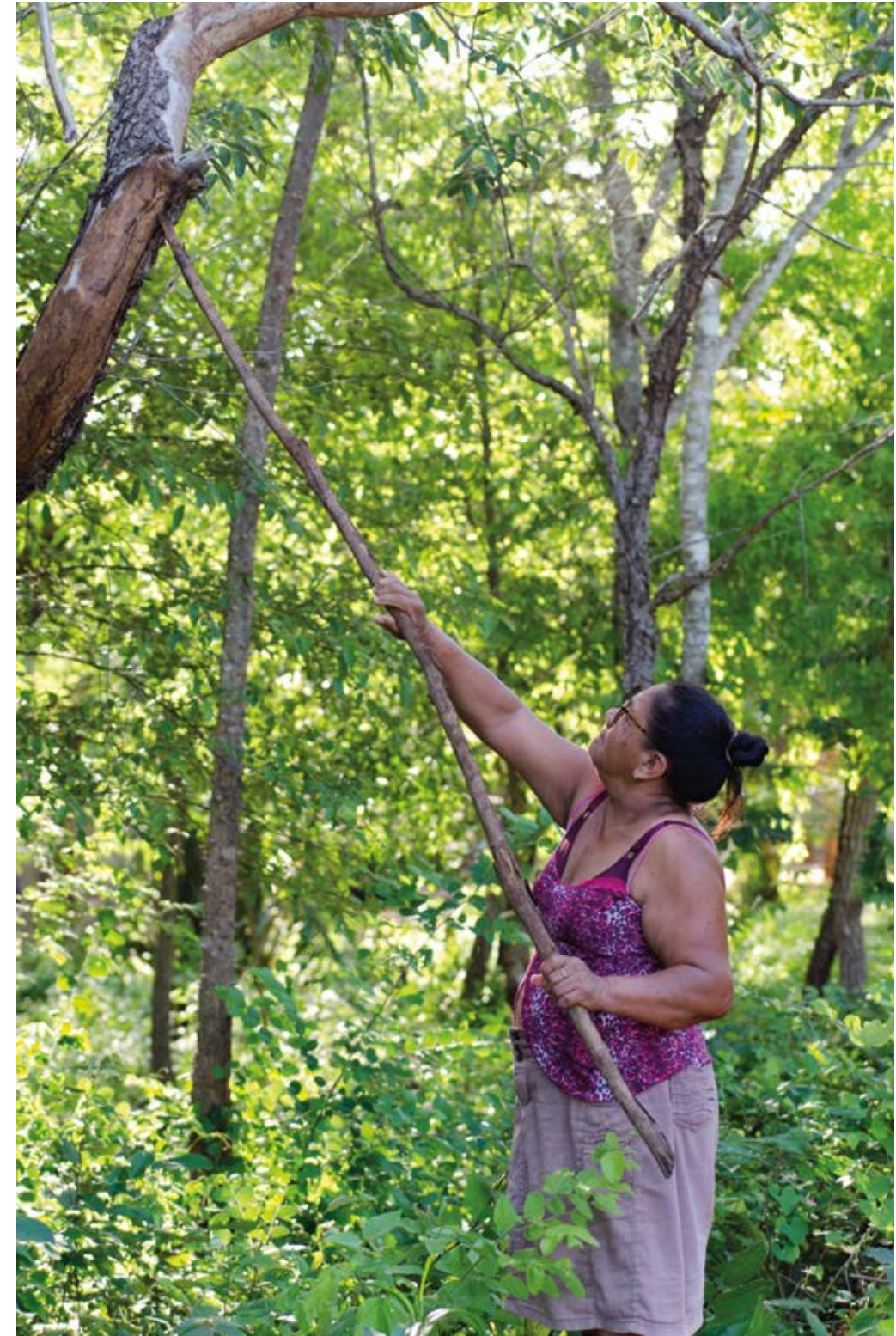
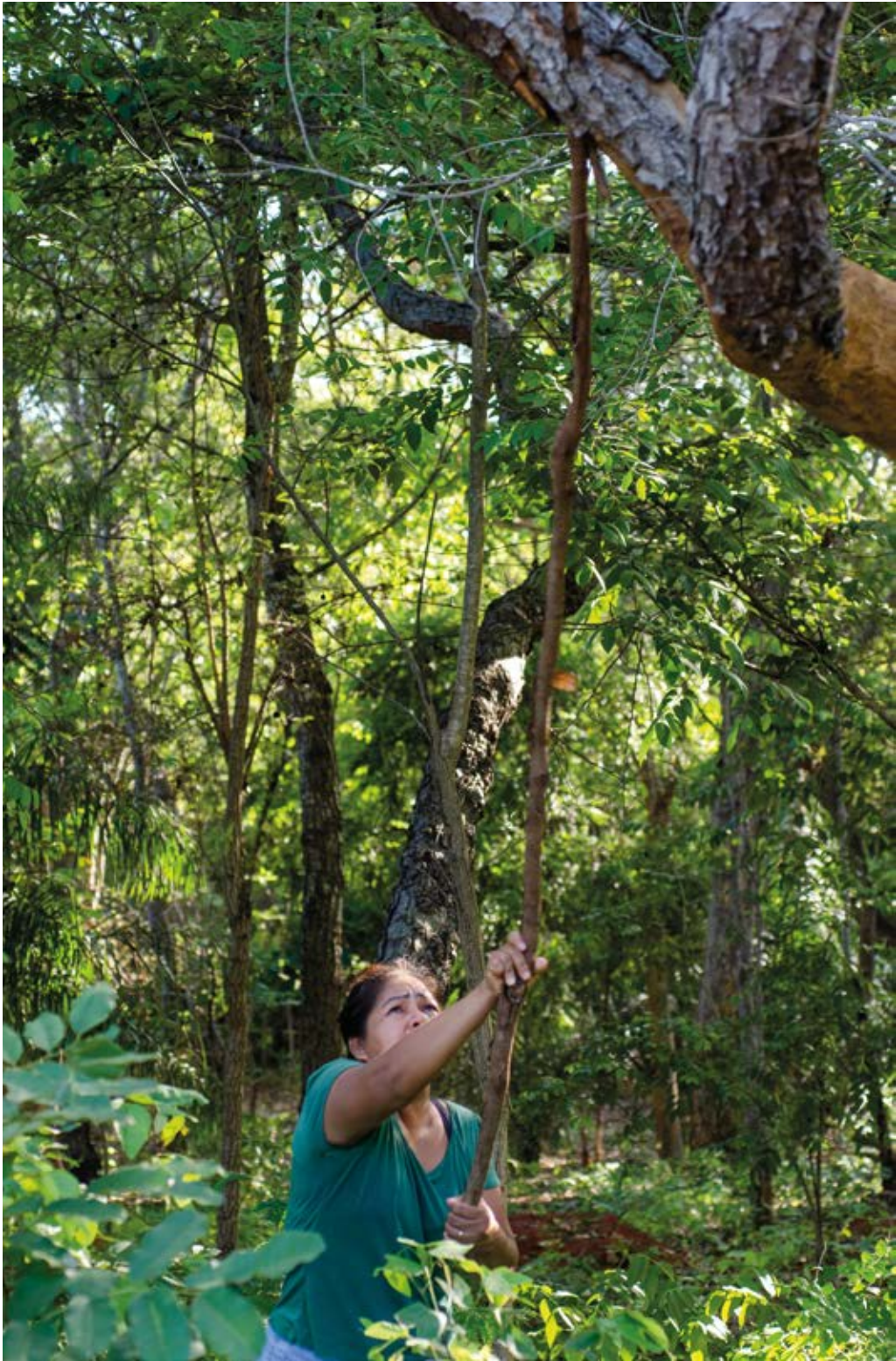














































CONSTRUINDO NO CAMINHO

Em pleno inverno, num dia em que a secura da paisagem se fundia aos inadequados mais de 40 °C de sensação térmica, eu suava frio ao encarar, pela primeira vez, a placa que anuncia a chegada à Terra Indígena Cachoeirinha. Após alguns meses entre conversas, reuniões e elaborações teóricas do projeto que viria a resultar neste fotolivro, eu me dirigia ao momento que definiria se ele se realizaria na prática: convidar mulheres que ainda não conhecia pessoalmente para, juntas, criarmos um livro. Eu repassava mentalmente a lista de tudo o que me levou até ali, de todos os pontos que eu ansiava por dividir com elas nesse primeiríssimo encontro: meu interesse pelo trabalho artesanal, o que havia lido sobre a cerâmica Terena, a dificuldade em encontrar imagens sobre o seu processo de confecção, as conversas com estudantes e lideranças indígenas, e tantos assuntos outros. Pouco disso foi necessário. As explicações e minúcias encontrariam seu momento com a convivência, e todos os tremores cessaram no aperto das nossas mãos, quando Dilma proferiu as palavras-bálsamo: “nós vamos te ajudar com esse trabalho”. Hoje, esse encontro quase faz anos. É inverno novamente, e foi assim que o meu desejo de contar uma história que valorizasse a manualidade encontrou o desejo dessas ceramistas de fazer conhecer o seu ofício-tradição.



Em tempos de telas, decidi investir em um formato impresso pouco convencional e repleto de especificidades, este fotolivro, buscando diversificar as possibilidades de contato com o jornalismo. Decidi abordar um tema socialmente relevante sobre o qual desejava conhecer mais - e sobre o qual, enquanto pessoa que vive em Mato Grosso do Sul há 18 anos, sentia que já deveria conhecer -, imaginando que outras pessoas poderiam se identificar e; decidi apostar na troca humana do quase mítico “jornalismo em profundidade”, já imaginando as dificuldades em executá-lo após a conclusão da graduação. Felizmente, apesar de todos os receios que envolviam as complexidades intrínsecas ao projeto, acreditar profundamente nesse fotolivro - e ter pessoas ao meu redor que também acreditavam - alimentou a teimosia de tentar torná-lo possível. E ele se fez. Foi feito. Todos os ciclos que levaram à concretização de *Móte* me ensinaram sobre o quanto a atividade jornalística demanda, desafia, custa, exige preparação, tempo e respeito aos processos. Mas, sobretudo, o quanto ela se dá nas trocas. Nos contatos, nas camadas. Porque, em seu âmago, esse trabalho é mesmo sobre relações humanas. E sobre uma humanidade que é irrevogável, a dos afetos e dos cuidados, cultura e natureza. E foi a troca que tornou possível construir uma relação de parceria e confiança mútua com essa família que me acolheu em suas



casas, no *ímboku* e em sua rotina - ao ponto de me parecer inadequado e insuficiente chamá-las de fontes. Esse é um trabalho construído a partir de primeiras vezes - seja na captação de material sozinha, em um contexto de trabalho de campo diferente do habitual, seja na edição fotográfica e construção de uma narrativa longa, na realização do projeto gráfico e da diagramação de um livro, entre outras atividades que fazem jus ao seu título de projeto experimental. Assim, a sua elaboração foi um processo centralizado e horizontal, construído a partir de um recorte temporal e geográfico restrito, e, portanto, sem pretensões de representar a realidade - se é que isso é possível -, mas de explorar possibilidades narrativas de um fragmento dela, no interior dos Brasis. Em contrapartida, acredito que o aprendizado junto à execução constituiu uma característica interessante do resultado da narrativa fotográfica, que também resulta desse primeiro contato com os diferentes caminhos e espaços que fazem parte da confecção da cerâmica Terena por essas mulheres; que certamente seria muito diferente da narrativa proposta por uma pessoa inserida nesse contexto e já familiarizada com os seus processos e ritmos próprios. A construção da confiança também está ali: eu, ao me deixar ficar e levar por espaços até então desconhecidos; elas, ao permitirem que eu coletasse fragmentos da vivência delas no que



vi e no que elas me mostraram. A equipe de uma mulher só e as conscientes limitações de uma pessoa não-indígena também foram o que me motivaram a buscar ajuda, conselhos e opiniões durante todo o percurso, pois, como mencionei, isso tudo só foi possível por meio de trocas. E foram esses momentos, em que uma pauta se mostra capaz de mobilizar muita gente, que me trouxeram alento quando centralizar tantas funções me pareceu extenuante e solitário. Nesse estradar, uma grandíssima amiga sempre me lembrava da importância de reconhecer o que foi feito, de “criar e fazer acontecer apesar de”, e me orgulho por escolher a entrega, o aprendizado, o desconforto do novo, e por insistir no ‘como fazer’ ser tão importante quanto ‘o fazer’. As mulheres desse livro me ensinaram sobre como a arte moldada no fogo brando do cotidiano é uma forma de luta, traduzida em uma atividade que reside e resiste no presente, apesar do que quer que seja. É estranho, saindo da graduação, ter a certeza de que essa será uma das experiências mais interessantes que a atividade jornalística me proporcionará, mas sei que será, porque todas nós queríamos que fosse especial. Agora também sei que a vida pode ter desses vislumbres extraordinários: várias pessoas se encontram e o encontro cria o registro. O registro impresso se torna livro. Os detalhes do que importa elas vão construindo no caminho.



